

Ancestralidade e autoestima em *Maréia*, de Miriam Alves

Luciana Lis de Souza e Santos* 

Elio Ferreira de Souza** 

A presente pesquisa analisa ancestralidade, autoestima, Autodefinição e Autoavaliação (COLLINS, 2019) na imagem negro-feminina no romance “*Maréia*” (ALVES, 2019), de Miriam Alves, e sustenta-se no fato de que esta obra da autora potencializa a compreensão das múltiplas representações da mulher negra brasileira na literatura. Na obra de Miriam Alves, inscrita na sociedade como mulher negra, há constatação das marcas do racismo e do sexismo que não se desvencilham da sua subjetividade. Segundo suas palavras, em entrevista para Frederico, Mollo e Dutra (2017): “Os temas que me interessam e sempre me interessaram são os sentimentos e os relacionamentos humanos de forma geral. Eu praticamente enfoco todos eles na minha escrita, partindo sempre da minha inserção social, ou seja, de mulher negra”.

Maréia (ALVES, 2019) é um romance que traz histórias do passado as quais constituem o futuro, pois denotam resistências e a possibilidade de pensar a ancestralidade como fonte de autoestima. A obra é escrita em duas vias paralelas, contando as histórias de duas personagens de núcleos distintos – Maréia e Alfredo –, os quais descendem de estruturas opostas da colonialidade: Maréia é uma jovem mulher negra, musicista, cuja família é formada por mulheres que compartilham as histórias de seus antepassados, compartilham o amor pela música, que atravessou várias gerações, e que chega aos dias atuais por meio da oralidade, no momento em que ela se torna uma artista proeminente, ao criar o Conservatório Musical Clave em Sol. Sem dúvidas, sua força e sua vitalidade são forjadas no seio da posse das histórias transatlânticas contadas por suas mais antigas – as mulheres que contam sobre o seu passado ancestral.

Na outra via do romance, existe a história de Alfredo, que parece viver sob a sombra de uma maldição que emerge em forma de neurose, decorrente do passado escravagista de seus antepassados, uma espécie de vingança colonial que surge na obra, a qual critica o modo como foram forjadas as narrativas de poder por meio da colonialidade, que fez heroico o gesto do colonizador, ao tempo em que desvela as resistências, a reconfiguração das culturas oriundas da diáspora, que atravessaram o imenso oceano Atlântico e suas águas salgadas, de onde deriva o nome de *Maréia*. Portanto, também é este romance uma crítica à branquitude, ao poder oriundo da colonialidade, revelando suas falhas, por meio desta ficção, que fabula, de maneira crítica, as origens de Maréia e do passado de pessoas negras nas terras distantes da África ancestral.

Para Ariele Santos (2019), a tensão existente no romance ocorre a partir desses grupos diferentes: a família branca e decadente dos Menezes de Albuquerque, os quais são descendentes de ex-colonizadores e escravizadores de pessoas negras; e a de *Maréia*, uma família feliz, amorosa, e profundamente conectada

* Mestra em Literatura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Piauí, Brasil. E-mail: lis-luciana@hotmail.com

** Doutor em Estudos Literários e Professor Associado do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Piauí, Brasil. E-mail: elioferreira@cchl.uespi.br

com seus antepassados e com a sua ancestralidade – no seio de sua família é que a personagem cria a sua liberdade, construindo-a a partir da exaltação à ancestralidade, à identidade positiva das mulheres negras, que subverte toda a ordem dada ao longo de nossa história. Esse é o grande mérito desse livro, conforme destaca Santos (2019, p. 2): “Na personagem Maréia a espiritualidade do povo negro se faz presente em todos os momentos, seja quando ela está mergulhada em sua arte – tradição de família”.

É importante ler os escritos de uma mulher intelectual negra, como Miriam Alves, porque nos ajuda a pensar sobre as políticas do corpo, do afeto, acerca das representações sociais, dos estereótipos e dos silenciamentos, e aqui, principalmente, sobre ancestralidade de descendentes da diáspora africana. Maréia é uma mulher com grande potência para agir, para criar, para construir seus próprios caminhos, e, neste romance, é possível trabalhar os conceitos de Autodefinição e Autoavaliação de Collins (2016). Para a autora,

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas por imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p. 102).

A narrativa de *Maréia* desafia todo o processo de validação de imagens estereotipadas, externamente definidas, da condição feminina negra, que deriva da colonização, em que ela vai poder criar imagens autênticas de mulher negra. A grande importância dessa subversão da personagem, homônima, é que ela confronta a desumanização de mulheres negras que são socialmente exploradas. Quando mulheres negras definem a si próprias, elas rejeitam os estereótipos, confrontam a autoridade que quer descrever, prescrever e determinar o papel da mulher racializada na sociedade. Então, ela, quando insiste no ato da autodefinição, valida seu poder de mulher negra como um sujeito humano.

Maréia torna-se sujeita (KILOMBA, 2019), tem autoridade sobre a própria história, sobre sua realidade, define a sua existência e estabelece sua identidade ao designar sua ancestralidade. Sua autodefinição vem na esteira da autoestima e do orgulho adquiridos por meio de sua ancestralidade, desencadeando imagens positivas e de exaltação das mulheres negras.

No romance *Maréia*, o que há de central e mais forte é o fato de que Alves traz luz a vozes e experiências silenciadas há séculos: saberes, religiões, culturas, lutos e lutas de pessoas negras provenientes da diáspora africana. A ancestralidade é invocada por meio das histórias de seus avós e de seus pais, que dão um tom poético ao livro. A espiritualidade é trazida a todo instante, conectando a personagem Maréia aos seus antepassados e fortalecendo uma imagem positiva da religiosidade afrodiaspórica, a qual tem sido demonizada ao longo de toda a história dos negros. Portanto, a cultura, os saberes e os modos de vida de matriz africana são exaltados.

Como podemos observar, Miriam Alves, em sua escrita, subverte a representação das mulheres negras dos estereótipos pejorativos, rompendo com o etnocentrismo do sistema cultural, que reduz as manifestações artísticas à órbita da visão europeia. Quando a mulher negra escreve, ela pode construir novas imagens.

Por meio de sua arte, e, partindo de sua subjetividade, constrói imagens afirmativas sobre a negritude, combate o racismo e dá sentido íntimo, político e racional aos seus escritos e às suas manifestações, borrando o estigma do primitivismo, da selvageria e do tom folclórico que insistem em imputar àqueles oriundos da diáspora africana (MALDONADO-TORRES, 2018). Para Collins (2016), a arte tem dimensão muito importante como expressão criativa, que constrói e apoia as autodefinições e autoavaliações de mulheres negras. Sobre a arte, ela afirma: “[...] além de documentar as conquistas das mulheres negras como escritoras, dançarinas, músicas, artistas e atrizes, a literatura emergente também investiga porque a criação expressiva tem sido um elemento tão importante da cultura das mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 112). Dessa maneira, a arte explicita a necessidade de externar a criatividade das mulheres, as quais ainda são bastante limitadas em tantas esferas sociais, mas resistem à objetificação e afirmam a sua subjetividade como humanos completos e autônomos (WALKER, 1974).

Portanto, a literatura engendra a esfera de liberdade, por meio da qual se pode transcender. Uma escrita que causa incômodo, medo e ansiedade, dado ainda o processo de desumanização a que um dia as pessoas negras foram submetidas, e do qual permanecemos herdeiros. A escrita de autoria feminina negra tem motivações históricas, políticas e literárias, com a criação de novas possibilidades imagéticas, pois constitui ato de rebeldia e também de afeto com relação ao mundo, como defende Eduardo de Assis Duarte sobre a escrita de pessoas negras: “[...] ora exasperadas, ora ríspidas, ora sutis, ora irônicas, ora ternas, ora cheias de esperanças” (DUARTE, 2014, p. 4).

A graça de Maréia

O nome de Maréia vem do mar, do Atlântico negro pelo qual cruzaram seus antepassados. Dizia o seu avô: “Tenho, até, mar no nome: Mar-cí-lio, minha neta é a soma do líquido e do sólido, mar e areia, Mar-é-ia” (ALVES, 2019, p. 53). Outro aspecto marcante sobre a ancestralidade de Maréia e seus antepassados está na profunda conexão com o mar, que liga a protagonista aos seus ancestrais. Sobre o seu avô, Marcílio, contava a avó: “[...] tem jeito não. Ele tem dois amores, eu e a rainha do mar, que o rouba sempre [...] Marcílio adorava contar a saga cheia de façanhas dos homens da família, fascinados por aventurar-se nas águas, uma paixão desde imemoráveis tempos” (ALVES, 2019, p. 49).

A “rainha do mar” aparece insurgente no romance, pois é sabido que a historiografia e o cânone literário omitem e tornam criminosas as manifestações religiosas de matriz africana, mas aqui, no romance, as histórias do mar, da rainha das águas e dos marinheiros são exaltadas como tradição na família de Maréia, e, para tornar tudo mais potente, verdadeiro e bonito, Alves traz, em sua prosa, por vezes poética, várias palavras em iorubá, sobre as quais disponibiliza, gentilmente, ao final do livro, um glossário iorubá-português e português-iorubá: “Omo Hayek Iná [filho da esfera da Luz]”, com capacidade de premunir, via longe, além dos limites demarcados pelo mar e pela montanha, perscrutava o longínquo das cercanias, prenunciava a perigosa aproximação dos “Enya koriko funfun [homens gafanhotos]” (ALVES, 2019, p. 114).

Nenhuma religião é citada na narrativa, mas a fé existente dentro das personagens basta para comprovar que suas crença e ligação vêm de uma força muito maior. Essa espiritualidade também

mantém viva a memória de seus homens, que se perderam no mar, colocando a morte como uma continuidade da vida.

O mar, os sons, os rituais e a religiosidade, esta embora não nomeada, estão presentes por toda a narrativa, os elementos da natureza, principalmente o mar, conectam as personagens, desde os antepassados de Maréia, passando pela rainha do mar, até o seu nome. O mar a liga aos seus anteriores: os escravizados, os que ficaram pelo Atlântico negro, seu avô e seu pai, que eram marinheiros, e reverbera com força em suas composições musicais. Portanto, mais uma vez, a ancestralidade como fonte de inspiração e de orgulho. Por meio da música, a sua arte, ela conta a história dos que vieram antes:

Na circular do tempo, o passado não volta, o passado traz de volta o que parecia perdido. / A onda rolou na praia e voltou correndo ao mar. / Não foi. Não foi, circula no tempo, a maré, a maré. / A maré é mar, circula o tempo, leva e me traz. / A maré é mar, voltará. Voltará. / O tempo é mar, voltará. / O tempo é mar circula no tempo. / Memória é mar. / O tempo é. (ALVES, 2019, p. 79).

Os versos mencionados são a composição que Maréia apresenta no concerto final do romance: com sua flauta e as lembranças do seu avô Marcílio, ela compõe esse trecho da peça musical intitulada “Réquiem à marujada – vozes que nos habitam”, cujos versos são carregados de lembranças e signos que o mar carrega. Para Oliveira (2009, p. 4),

[...] a maioria das culturas africanas encerra sua sabedoria na forma narrativa dos mitos. Talvez porque os mitos não segreguem as esferas do viver [...] vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que têm a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade que se quer conhecer.

Portanto, o que constrói Alves, por meio de seu “Maréia”, é a exaltação da tradição, dos símbolos e dos mitos africanos, aproximando seus leitores da história ancestral da qual descendemos, contribuindo, na prática, para a mudança da epistemologia exclusivamente colonial e eurocêntrica em nome de outros tipos de saberes, de memórias coletivas, de culturas, religiosidades, mitos de *corpus* e práxis únicas, que têm sido historicamente omitidos. Dessa forma, reverberar os discursos e os saberes dos ancestrais negros é valioso gesto de transformação, uma vez que visibiliza e valoriza seus modos de vida e sua elaboração de mundo.

Ancestralidade e orgulho

Miriam Alves é escritora e intelectual que mobiliza o seu trabalho em torno das discussões sobre raça e gênero, conforme denota o conjunto da sua obra. É necessário trazer a voz das mulheres negras para dentro dos campos literários e para a perspectiva crítica, necessidade imperiosa diante de um processo extremamente excludente, perpetuado historicamente, mas que, mesmo diante do projeto de

exclusão, essas mulheres têm produzido incessantemente. Dessa maneira, encontramos na literatura a representação da memória e de histórias de populações negras afrodiáspóricas, bem como suas culturas, religiões e demais saberes, construindo, por meio do discurso literário, processo de valorização e recriação de passados afrodiáspóricos que ficaram suplantados pelos processos de colonialidade.

Para Benjamin (2012, p. 242), “[...] o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido na história”. Nesse aspecto é que reside toda a importância da história contada por meio da arte literária: a literatura e as suas ficções contemplam aquilo que foi omitido pelos dados oficiais. Alves recupera a ancestralidade por meio do cotidiano de mulheres negras com imagens positivas, afetuosas, partindo da autorrepresentação e da autoficcionalização, em uma grandiosa homenagem que parte da oralidade:

[...] a casa estava sempre povoada de amigos e parentes, plateia ideal para suas narrativas, que para uns pareciam histórias de marinheiro, fanfarrônicas divertidas. “Minha gente, nem tudo é como contam e como vocês leem nos livros. Todos querem um lugar de herói, mas nem todos são heróis e nem bandidos. Tem um pouco de tudo e de tudo um pouco em cada um. Dependendo de quem conta... Já viu, né? Aumenta-se um ponto ou inventam-se vários outros”. (ALVES, 2019, p. 50).

A autora faz uma crítica, por meios de suas personagens, à história tradicional, essa que é contada nos livros, que fala de negros passivos e que omite a construção da civilização ocidental a partir da barbárie contra negros arrancados de suas terras para o trabalho forçado. Portanto, sua obra é uma grande homenagem e uma maneira de recontar, por meio da ficção, a História que não está nos documentos e livros tradicionais. Aqui, a autora nomeia escravizadores e genocidas,

[...] os Melo Freire e os Menezes de Albuquerque [...] fortificavam laços seculares, garantia-se a manutenção, ampliação da fortuna e do poder, entre os clãs que dominavam as relações econômicas e sociais, desde o tempo do Império. Os antecessores participaram de conquistas, comércios e de todo tipo de negócio, inclusive o mercado de almas, forma irônica e eufêmica de se referir à captura, ao traslado e às vendas de pessoas para o trabalho forçado. (ALVES, 2019, p. 17).

O que se constata, a partir do trecho, é a insurgência na voz da narradora, que poderá ter esta imbricada com a voz autoral: é revelada, entre os capítulos intercalados, sobre os antepassados de Maréia e os antepassados dos escravizadores, a história verdadeira de violência, genocídio e de enriquecimento sobre cadáveres e muito trabalho de pessoas negras que foram arrancadas brutalmente de suas terras em nome da conquista de ouro, terras e muitas almas, revelando que as histórias de “conquistas” são, na verdade, desonestas, mentirosas e sujas de muito sangue negro.

Ao tempo em que revela mentiras, em *Maréia* há, a cada capítulo, a exaltação da coragem, das conquistas e da subversão de seus antepassados, tornando-se uma poderosa arma, porque a arte é aqui entendida como uma valiosa estratégia de resistência e reelaboração da imagem de pessoas negras,

cuja representação tem sido feita de maneira ilegítima, apagando as referências e histórias ancestrais dos povos da diáspora negra em nome do cânone eurocêntrico. Na esteira desse entendimento, Luciana Mongim (2017) trata sobre a arte forjada contra o sistema de dominação e que traz como referência a ancestralidade:

A arte é entendida como forma de inserção na sociedade e, relacionada à imagem da arma, remete-nos ao reconhecimento da força estética e política da palavra que se configuram, a partir dessa perspectiva, como atitude de resistência e diálogo com o sistema de dominação. Diálogo que, por vezes, se deu e ainda se dá marcado pela tensão e pelo conflito presentes nas lutas culturais e políticas dos descendentes dos negros escravizados no cotidiano brasileiro. A ancestralidade figura como uma categoria analítica que contribui para a produção de sentido e para a experiência ética na obra. (MONGIM, 2017, p. 22-23).

Pensando a partir da reflexão de Mongim, a narrativa de Alves, que conduz personagens marcadas por sua relação com a ancestralidade e sua resignificação, a literatura traz a possibilidade da libertação de estigmas e de atribuições repetidas, tanto na história quanto na literatura. Aqui, a autora investe no lirismo e na poesia, trazendo para a ficção o que a história omite. E o faz com muita beleza, construindo sua obra ao mesmo tempo em que questiona o cânone e as tradições literárias brasileiras. Oliveira (2009, p. 4) assim conceitua ancestralidade:

[...] a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. (OLIVEIRA, 2009, p. 4).

Conforme o pensamento do autor, a ancestralidade torna-se categoria analítica que pode interpretar as diversas manifestações sociais do povo negro brasileiro. Sendo alimentada pela tradição, a ancestralidade está presente em diversas manifestações culturais afrodescendentes, impondo a sua dinamicidade mesmo para os grupos que pretendam pensar e assumir valores oriundos da África.

Dessa maneira, a ancestralidade pode ser uma epistemologia que possibilita a concepção de estruturas sociais que confrontam o modo de vida e de produção de conhecimento sobre o mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2009). É, portanto, uma marca da autoestima e da autoafirmação de Maréia, como alguém que foi escolhida e que escolheu viver da música que já habitava a vida de seus ancestrais, seu avó, Ibiácy do Pífano, que parecia criar vida por meio de suas músicas, ele arrancava sons das matas, criando, com suas próprias mãos, seus instrumentos musicais:

Dizia que Ibiácy, ao caminhar pelo bambuzal, perto da mata onde morava, fascinara-se pelo porte daquela planta grande, esguia e flexível, cujos caules, ao soprar vento forte, se curvavam até o solo; [...] sensibilizado por essa movimentação, notava sutis diferenças, que eram melodias para seus ouvidos. [...] Um dia, ajudado pelo pai, cortando com cuidado uma

haste, fazendo furos para a passagem do ar produzido pelo sopro, conceberam o pífano. Com a flauta criada, ele inventava melodias. Tornou-se famoso no vilarejo, reverenciado como mestre tocador, dono de estilo expressivo, e como mestre artesão, pelos instrumentos de bambu que passou a confeccionar, os quais emitiam sons de alta pureza. Maréia agradecia por ser herdeira da inclinação musical de seus antepassados, reavivar recordações a exportava a nunca desistir de seus intentos, ficava leve, disposta. (ALVES, 2019, p. 28-29).

No excerto demonstrado, o avô da protagonista, Ibiácy do Pífano, representava para ela a própria fonte de autoestima e de amor pela música e pelos instrumentos musicais. O sangue que carregava e a história de seu avô eram, para ela, aquilo que alimentava a sua labuta na música dia após dia, como destino e futuro desejado e planejado por meio de muito estudo e apoio familiar. Assim,

Maréia absorta tocava. No retrato, o Ibiácy do Pífano parecia criar vida, sorria. Ela, emocionada, conectava-se com um legado ancestral, ouvia as palavras sábias da avó “a música conversa com todas as coisas, com todas as artes, em tudo tem música”. Acostumara-se, na infância, a aguçar o ouvido para escutar o som das coisas [...] um dia, como por encanto, passou a escutar as melodias da natureza. Primeiro um sussurro, depois sons ritmados, uma trilha sonora elaborada ia lhe enriquecendo a vida, acrescentando melodias às suas emoções. Dorotéia, com orgulho, incentivava a neta, afirmava que aqueles que têm inclinação musical são atraídos pelos instrumentos, uma espécie de magia divina contava sobre os familiares de gerações precedentes com vocação e talento, que traziam a musicalidade nas veias, para dizer o que lhes repercutia na alma, através do canto ou criando objetos sonoros. (ALVES, 2019, p. 29).

Dessa forma, como demonstrado, Maréia construiu o seu futuro, projetou a sua vida na música, a partir da ancestralidade recuperada por meio da oralidade – ao ouvir com respeito sobre a trajetória de seus antepassados, a personagem abriu caminhos para o conhecimento e a sabedoria adquiridos a partir de seus ancestrais –, esta é uma grande valorização da cultura deste povo cuja sabedoria tangencia as cadeiras acadêmicas, que ignora sua realidade histórica, sua filosofia e seus saberes na projeção de um mundo mais justo, em que é preciso exaltar e

[...] estudar a nossa própria cultura, a nossa filosofia, precisamos honrar nossos ancestrais, precisamos respeitar as tradições filosóficas que durante milhares de anos produzimos. Não podemos simplesmente jogar isso fora, mas a experiência da escravidão, escravatura do colonialismo, o idealismo nos colocaram longe de nós mesmos, ficamos desorientados e, conseqüentemente, nos tornamos imitações da Europa. (ASANTE *apud* PONTES, 2017, p. 9).

Sobre os povos oriundos da diáspora africana, há muitas histórias por serem contadas, e Alves liberta algumas delas, que atravessaram mares, transformando-as em uma narrativa original e combativa, contra o que Carter Woodson (2021) chama de “A des-educação do negro”, que critica a educação oferecida aos negros no período pós-abolição/pós-colonização, em que prevalecia o currículo eurocêntrico, ocidentalizado e racista, que justificava a escravidão e o linchamento social dos negros, e, dessa maneira, a educação apenas fazia a manutenção da lógica racista que já prevalecia há séculos.

Woodson (2021) ainda defendia radicalmente a educação que expusesse as ciências, a história, as belas artes, a filosofia e os pensamentos de quaisquer culturas, incluindo, especialmente, as da África e as oriundas da diáspora negra, pois, quando se amplia todo esse conhecimento, há uma mudança de perspectiva que contraria a servidão e a vida marcada por desigualdades sociais em virtude do preconceito racial e de toda a negligência do Estado para com a população negra, desde a abolição da escravidão.

Para o autor, a negligência e a omissão da história e das ciências dos negros em sua educação podem levar à introjeção de desprezo e à autodepreciação desde a infância, fazendo com que pessoas negras cresçam achando que seu rosto é uma maldição e que quaisquer esforços serão inúteis, matando todas as suas aspirações.

Portanto, ao centralizar a história na ancestralidade, Alves exalta o conhecimento que confronta a manutenção de um sistema que mantém pessoas negras reféns do escalonamento social a partir da raça. Ancestralidade é liberdade, é meio para contestar e subverter o poder das autoridades e para a ruptura do papel submisso de pessoas afrodiaspóricas nas sociedades.

Considerações finais

Miriam Alves sempre logra êxito em seus escritos, uma vez que sempre cumpre o propósito de fazer representações positivas das mulheres negras no Brasil. *Maréia* é um romance que possibilita múltiplas abordagens para a pesquisa: as representações das mulheres brancas e negras; a história apresentada em contradiscurso; as representações das religiosidades de matrizes africanas; a importância da oralidade que subjaz aos discursos grafocêntricos privilegiados nas academias.

Por meio de uma história de conquistas forjadas sobre corpos negros, pilhagem e epistemicídios (CARNEIRO, 2005), Alves revela, a cada capítulo, a grandiosidade das memórias coletivas que são repassadas a cada geração dos descendentes da diáspora negra, cujas tradições, resistências, musicalidades, símbolos e religiosidades se tornam fonte de inspiração, autoestima e orgulho para Maréia, descendente de africanos escravizados que atravessam o mundo, mas que nunca deixaram de carregar seus saberes e de transmiti-los. Como exaltam as palavras de Ribeiro (2020), “[...] a ancestralidade é o sopro de vida que é tecido no ventre de nossa mãe pelo sangue ancestral, é a música que faz vibrar as células do nosso corpo e dita o ritmo do nosso coração [...] é a luta pela vida e a resistência à morte”. De acordo com o pensamento da filósofa, podemos entender que é por meio da ancestralidade que podemos perceber, sentir e pensar de acordo com representações que a oralidade e a ancestralidade nos trazem desde África, pois em cada história contada há um sopro de vida.

Portanto, nós precisamos conhecer a história de todos os povos, a história do outro, mas é imperativo saber de si mesmo, para que jamais se perca a memória coletiva e histórica de povos que pretendem fragilizar. Contar a nossa história a partir de dentro nos tornará mais fortes. Desse modo, a literatura contada a partir da ancestralidade permanece como recurso ideológico, como possibilidade de enfrentamento e sobrevivência, num país de estrutura neocolonial urbana que oprime e marginaliza os saberes oriundos da população negra. Ler e estudar sobre os nossos ancestrais, suas metáforas e seus

verbos, sua junção de saberes, suas tradições e seus valores culturais, por meio de um levantamento histórico da vivência das/os negras/os no Brasil, pensada/o pelas/os negras/os, pode servir como guia para o redescobrimento e a valorização da cultura das pessoas negras e de suas histórias.

Referências

ALVES, Miriam. *Maréia*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

BENJAMIN, Walter. Teses Sobre o Conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012. p. 241-252.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPIR, 2014. p. 13-48. (Precursores, v. 1).

FREDERICO, Graziela; MOLLO, Lúcia Tormin; DUTRA, Paula Queiroz. Escrevo porque não dá para não escrever: entrevista com Miriam Alves. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 51, ago. 2017. Doi: <https://doi.org/10.1590/2316-40185121>

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 31-61. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MONGIM, Luciana Marquesini. Conhecimento e atuação política: a arte e ancestralidade africana no livro *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins. *Opiniões*, São Paulo, n. 10, p. 18-29, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/122208/129550>. Acesso em: 22 set. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. A epistemologia da ancestralidade. *Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins*, Fortaleza, v. 1, p. 1-10, 2009. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-resumo.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. *Kemet, escolas e arcádeas*: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ensino) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017.

RIBEIRO, Katiúscia. O futuro é ancestral. *Le monde diplomatique Brasil*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>. Acesso em: 22 set. 2021.

SANTOS, Ariele. Uma narrativa de resgate. *Literafro*, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/resenhas/prosa/ResenhaMareiaMiriamAlves.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

WOODSON, Carter Godwin. *A des-educação do negro*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2021.

WALKER, Alice. *Search of our mothers' gardens*. New York: Harcourt Brace Javanovich, 1974.

Recebido em 22 de dezembro de 2022.

Aprovado em 9 de maio de 2023.

Resumo/Abstract

Ancestralidade e autoestima em *Maréia*, de Miriam Alves

Luciana Lis de Souza e Santos e Elio Ferreira de Souza

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre ancestralidade e como, a partir desta, deriva-se a autoestima quando são criadas imagens positivas acerca da negritude, no romance *Maréia*, de Miriam Alves, publicado em 2019. Analisa, também, a Autodefinição e a Autoavaliação (COLLINS, 2019) de Maréia, personagem homônima. Por meio da obra, é possível exaltar nossos ancestrais negros. Para tanto, o estudo está apoiado nas teorias de Collins (2016, 2019), Mongim (2017), Maldonado-Torres (2018), Woodson (2021), Carneiro (2005), Oliveira (2009), Ribeiro (2020), dentre outros. Os estudos tendem ao entendimento de que Maréia está sempre buscando, em seus ancestrais, a força para criar seus caminhos. Portanto, ela subverte a lógica colonial que invisibilizou os saberes provenientes da diáspora negra.

Palavras-chave: *Maréia*, autoria negra feminina, ancestralidade, autoestima.

Ancestry and self-esteem in *Maréia*, by Miriam Alves

Luciana Lis de Souza e Santos and Elio Ferreira de Souza

This article aims to reflect on ancestry and how, from this, self-esteem is derived when positive images about blackness are created, in the novel *Maréia*, by Miriam Alves, published in 2019. It also analyzes Self-definition and the Self-assessment (COLLINS, 2019) by Maréia, the homonymous character. Through

the work, it is possible to exalt our black ancestors. Therefore, the study is supported by the theories of Collins (2016, 2019), Mongim (2017), Maldonado-Torres (2018), Woodson (2021), Carneiro (2005), Oliveira (2009), Ribeiro (2020), among others. others. Studies tend to understand that Maréia is always seeking, in her ancestors, the strength to create her paths. Therefore, it subverts the colonial logic that made knowledge from the black diaspora invisible.

Keywords: *Maréia*, female black authorship, ancestry, self-esteem.